

## **CAMINHO DE CORA CORALINA NO CERRADO GOIANO E SUAS PAISAGENS GEOHISTÓRICAS, BIÓTICAS / ABIÓTICAS, LITERÁRIAS E TURÍSTICAS**

1

## **CAMINO DE CORA CORALINA EN EL CERRADO GOIANO Y SUS PAISAJES GEOHISTÓRICAS, BIÓTICAS / ABIÓTICAS, LITERARIAS Y TURÍSTICAS**

**JOSÉ MARIA DOS SANTOS SOUZA**

Aluno especial do Mestrado em Geografia da Universidade Estadual de Goiás,  
*Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO*  
jmsspezinho@gmail.com

**VANDERVILSON ALVES CARNEIRO**

Docente do Mestrado em Geografia da UEG - Universidade Estadual de Goiás,  
*Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás (GO)*  
vandervilson.carneiro@ueg.br

**JEAN CARLOS VIEIRA SANTOS**

Docente dos Mestrados em Geografia (*Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO*) e  
Territórios e Expressões Culturais no Cerrado (*Campus Nelson de Abreu Júnior,  
Anápolis / GO*) da UEG - Universidade Estadual de Goiás  
jean.vieira@ueg.br

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo avaliar a relação entre as raízes territoriais tradicionais da rota turística literária conhecida como Caminho de Cora Coralina, no interior do Estado de Goiás, com a ressignificação da proposta original de seu uso pelos perfis variados de visitantes. Para tanto, foram realizados levantamentos de diversas bases de dados, tais como: mapas de roteiros internacionais e nacionais similares, levantamento de antigos relatos de viajantes, registro contemporâneo de vivência de mochileiros locais e análises das diversas formas de apropriação dos espaços das estradas históricas. O roteiro se estende por alguns municípios do interior goiano, entre as regiões dos Pirineus e o Vale do Araguaia, tendo núcleos urbanos e propriedades rurais como elementos de apoio logístico, com culminância na Cidade de Goiás. O conjunto paisagístico e cultural contribui para a geografia turística local, com destaque para o bioma Cerrado. Um paralelo entre os caminhos tradicionais e suas distintas formas de identidade pelo Brasil e pelo mundo é explorado como ferramenta de potenciais releituras das possíveis formas de ocupação futura do referido trajeto em questão, no que diz respeito a manifestações populares espontâneas.

**Palavras-chave:** Caminho de Cora Coralina; Cerrado; Caminhadas.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo evaluar la relación entre el arraigo territorial tradicional de la ruta turística literaria conocida como Camino de Cora Coralina, en el interior del Estado de Goiás, con la ressignificación de la propuesta original de su uso por los variados perfiles de visitantes. Para ello, se realizaron relevamientos en diversas bases de datos, tales como: mapas de rutas internacionales y nacionales similares, relevamiento de relatos de viajeros antiguos, registros contemporáneos de experiencias de mochileros locales y análisis de las diversas formas de apropiación de espacios en caminos históricos. La ruta se extiende por algunos municipios del interior de Goiás, entre las regiones de

los Pirineus y el Valle del Araguaia, con centros urbanos y propiedades rurales como elementos de apoyo logístico, culminando en la Ciudad de Goiás. El conjunto paisajístico y cultural contribuye a la geografía turística local, con énfasis en el bioma Cerrado. Se explora un paralelismo entre los caminos tradicionales y sus diferentes formas de identidad a lo largo de Brasil y del mundo como herramienta para potenciales relecturas de las posibles formas de ocupación futura de dicho camino en cuestión, en lo que se refiere a manifestaciones populares espontáneas.

**Palabras clave:** Camino de Cora Coralina; Cerrado; Senderismo.

## Introdução

O presente texto, em forma de relato de experiência, foi concebido a partir da disciplina Geografia e Ordenamento do Espaço Turístico, ministrada em 2022 (1º semestre - meses de maio e junho) junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO), da UEG - Universidade Estadual de Goiás, Campus Cora Coralina, Cidade de Goiás / GO.

Partindo dessa vereda, destacar a importância do relato de experiência sobre o Caminho de Cora Coralina torna-se mais uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas, como é o caso da Geografia e de outros campos do saber.

No âmbito da pesquisa empírica, a importância do relato de experiência como produção científica, performatiza através da linguagem a experiência do um, não enquanto centralidade estável, mas na condição de ponto de abertura e análise crítica (DALTRO; FARIA, 2019).

Daltro e Faria (2019, p. 229) arrazoam que:

O relato de experiência é uma modalidade de cultivo de conhecimento no território da pesquisa qualitativa, concebida na reinscrição e na elaboração ativada através de trabalhos da memória, em que o sujeito cognoscente implicado foi afetado e construiu seus direcionamentos de pesquisa ao longo de diferentes tempos. Isso posto, conjugará seu acervo associativo agindo processualmente, tanto em concomitância com o evento, como trazendo o produto processado pelas elaborações e em suas concatenações, e, finalmente, apresentará algumas das suas compreensões a respeito do vivido.

Entre becos, passagens, mirantes e trilhas da antiga Vila Boa de Goiás (atual Cidade de Goiás) ricos de elementos geohistóricos, bióticos / abióticos, literários e turísticos que foram tratados pela seara da disciplina Geografia e Ordenamento do

Espaço Turístico em formato de aulas expositivas dialogadas e de trabalhos de campo (Centro Histórico da Cidade de Goiás, Largo da Carioca, Mirante da Cidade de Goiás (rodovia GO-070), Povoados do Ferreiro e do Ouro Fino, Córrego Digo-Digo e Pedreira de São Sebastião) com a finalidade de elaborar modos de leituras da realidade como produto final avaliativo da referida disciplina a partir da mirada dos discentes.

Para esse relato de experiência foi escolhido o Caminho de Cora Coralina (CCC), idealizado em 2013, pois, trata-se de uma trilha de longo curso (TLC) com aproximadamente 300 km, perpassando por povoados e cidades históricas, fazendas, atrativos turísticos e elementos naturais do Cerrado. Cabe destacar que o traçado do Caminho de Cora Coralina tomou por base as fontes documentais de relatos de viagens sobre a Capitania de Goiás (governador Luís da Cunha Menezes); de naturalistas (Auguste de Saint Hilaire e Johann Baptist Emanuel Pohl), do viajante (Oscar Leal), e do “Relatório da Missão Cruls<sup>1</sup>” – Relatório da Comissão Exploradora do Planalto Central do Brasil que explorou, entre 1892 e 1893, uma ampla região do entorno do Distrito Federal para definir a localização da nova Capital do Brasil (CAMINHO DE CORA CORALINA, 2022; MENDONÇA, 2021).

### **Os caminhos com pinceladas geohistóricas, fisiográficas, literárias e turísticas: mergulhos, apontamentos e reflexões**

Percorrer cerca de cinquenta léguas no coração da savana sul americana já seria em si um feito hercúleo, e ainda mais quando o circuito em questão envolve componentes meteorológicos agravantes, como o calor escaldante dos trópicos na altura do paralelo 15 e obedecendo o sentido de leste a oeste, o que mantém o sol da tarde sempre à frente dos olhos ofuscados até o anoitecer. Pelo menos estas seriam as condições mínimas para uma vivenciação do que teriam sido as incursões supostamente pioneiras dos desbravadores do século XVIII imortalizados como bandeirantes e seguidos pelos colonos do garimpo e das tropas e boiadas, até culminarem nos filhos

---

<sup>1</sup> A Missão Cruls foi chefiada pelo astrônomo e geógrafo belga Louis Ferdinand Cruls.

destas plagas goianas dos quais um, dentre vários, emprestaria seu pseudônimo para tal rota desafiadora: Cora Coralina.

O intitulado Caminho de Cora Coralina (figuras 1 e 2), nada mais é do que um trecho da Estrada Geral dos Sertões<sup>2</sup> que originalmente cortava o território da América Portuguesa do Atlântico aos domínios espanhóis na Bolívia, tendo a cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano e área de influência de Salvador, então capital da colônia, como ponto de partida (BERTRAN, 2010; ROCHA JUNIOR *et al.*, 2006).

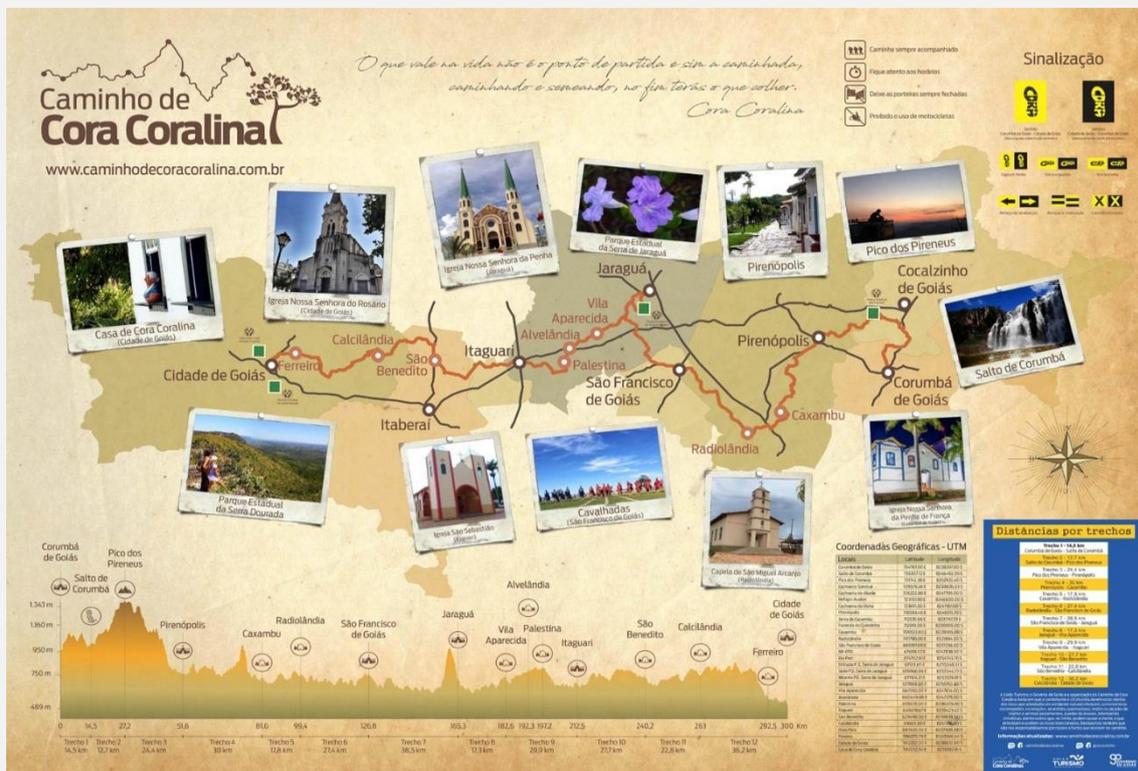


Figura 1: Caminho de Cora Coralina, um roteiro para ficar na memória. Fonte: Goiás Turismo, *in*: Mala de Aventuras, 2022.

<sup>2</sup> O roteiro de viagem de D. Luiz da Cunha Menezes, quando deixou a cidade de Cachoeira em 1778, no Recôncavo Baiano, e se dirigiu a Vila Boa para assumir como governador da capitania de Goiás.



Figura 2: Caminho de Cora Coralina: conheça a travessia de 282 km em pleno Cerrado do Estado de Goiás. Fonte: Blog De Escalada, 2018.

Localizada praticamente no meio de todo esse traçado continental de quatro mil quilômetros de extensão, da fronteira com os Andes ao litoral nordestino, a antiga Vila Boa de Goyaz seria o epicentro dos domínios do Cerrado, sendo inclusive o expoente máximo da quebra do Tratado de Tordesilhas pelos portugueses quando estes avançaram sobre a parcela espanhola no Novo Mundo. E não por acaso seu vasto município, estrategicamente envolvendo o Vale do Araguaia, inspiraria futuros governadores a traçar a visionária logística que conectaria os pantanais paraguaio e mato-grossense a foz do Amazonas, como nas visões empreendedoras de Leopoldo de Bulhões no século XIX, tendo as águas vilaboenses de Aruanã, antiga Santa Leopoldina, como corredor natural; e assim se teria esboçado o primeiro protótipo do que viria a ser o “Brasil do futuro” de Juscelino Kubitschek no século XX codinomeado de Trevo do Brasil, como uma grande cruz no Planalto Central, entre caminhos ora empoeirados, ora alagados.

O esforço lusitano em rasgar essa picada, ainda inicial nos anos setecentistas, pôde se vislumbrar com a riqueza da variação não só paisagística indo das planícies litorâneas da Baía de Todos os Santos, como na Ilha de Itaparica, subindo pelas serras litorâneas, pelas chapadas diamantíferas e imensos tabuleiros do Planalto Central e suas serras imemoriais, assim como com a gradativa aquarela de variações das cores dos terrenos, do preto ao acinzentado massapê ao roxo, vermelho, ocre, amarelo ou quase

branco latossolos, do úmido ao ressequido, do fértil ao ácido. Sem contar os altos e baixos da densidade da Mata Atlântica, passando pela degradação semimorta da Caatinga e chegando à resistência misteriosa do Cerrado em suas facetas tão variadas. De fato um caminho humano que parece atestar uma espécie de cabo-de-guerra entre a força imensurável dos elementos, num jogo de disputa entre o sertão e o mar, entre o fogo e as águas.

Não se sabe precisar se em algum momento da vida de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, vulgo Cora Coralina, a mesma tenha percorrido de fato toda a porção goiana da referida estrada, uma vez que ela tenha partido de sua cidade natal ainda muito jovem, com cerca de 22 anos de idade, pelo leito do Rio Vermelho quando este ainda era navegável em 1911, segundo relatos de seus biógrafos; tomando portanto outra direção até chegar ao Rio Araguaia e de lá rumar a São Paulo. Cora Coralina só retornaria a antiga capital dos goianos ao final dos anos 1950 do século XX, ocasião em que uma nova estrada já havia sido aberta conectando a microrregião à Goiânia, por onde ela teria passado em seu retorno da vida em São Paulo (BRITTO; SEDA, 2011).

O próprio pai de Cora Coralina, Francisco Paula Lins Guimarães Peixoto, que era juiz de origem paraibana, teria sido transferido da Província do Pará, onde servia no poder judiciário, para a Província de Goiás, onde viria a conhecer a mãe da poetisa, na hidrovía do Araguaia, ainda em funcionamento à época e, logo, também não passando pela estrada em questão.

É provável que a poetisa tenha se limitado a conhecer somente o trecho vilaboense do tal caminho que hoje leva o seu pseudônimo, que seria uma gleba de uns 25 a 27 km de extensão, ou seja, cerca de 10% do trajeto oficial e que percorre os distritos de Ouro Fino e Ferreiro, inclusive citados em sua obra “A moeda de ouro que um pato engoliu” (CORALINA, 1997).

Olhares histórico-críticos a parte, a exploração de efemérides locais para promoção mítica de rotas diversas não é um projeto exclusivo do Brasil. A clássica Rota 66 dos Estados Unidos, que interliga a costa leste a costa oeste daquela nação, embora exista desde a época da conquista do Velho Oeste, só veio a ser lendária em 1957 através do estilo de vida pregado pelas obras de Jack Kerouac (2004), que a percorreu

pessoalmente, inaugurando o universo do mochileiro e do rebelde sem causa, dentro da onda existencialista do Pós-Guerra: a geração beat<sup>3</sup>.

Enquanto isso o cinema alternativo contribuiu para se despertar a curiosidade sobre as estradas andinas personalizadas em seus mistérios e aventuras pela figura icônica de um Che Guevara pré-revolucionário na inspiradora película “Diários de Motocicleta”, do cineasta Walter Salles (2004), baseada na obra do guerrilheiro argentino escrita nos anos 1950 (CHE GUEVARA, 2015).

Muito recentemente, em 2017, se propôs “apropriar-se” de um trecho de 2000 km, que passa por oito países do Oriente Médio, dentro do complexo dos 7000 km da milenar Rota da Seda<sup>4</sup> (figura 3), na Ásia, para emprestar-lhe o sugestivo nome de Caminho de Abraão<sup>5</sup>, com o intuito de promover a paz religiosa naquela região conflituosa a partir do lugar comum identificado no patriarca espiritual de judeus, cristãos e muçulmanos, onde as três maiores crenças monoteístas se encontram. Aqui, na verdade, seria a Rota da Seda é que teria tomado o Caminho de Abraão, uma vez que a mesma é posterior àquele; o que seria o contrário do Caminho de Cora, esse sim posterior à Estrada Geral dos Sertões (ROCHA JUNIOR *et al.*, 2006).

Curioso é observar que, apesar de todas essas propostas de divulgação da visão espiritual, literária ou de aventura fazendo-se uso do deslocamento humano com ou sem destino e propósito, a historiografia tratou de constatar o caráter sobrevivencialista e mesmo militar que motivou tais vias em algum momento. Afinal, pela mais extensa e antiga de todas as estradas conhecidas, que é a já citada Rota da Seda, deslizaram desde caçadores e caravanas até complexos exércitos como os de Alexandre - o Grande, e de Gengis Khan (DRÉGE, 1992). Até empreendimentos concebidos mais para defesa que para deslocamento puderam servir também como estrada, como foi o caso colossal da estrutura da Grande Muralha da China, que pode ser percorrida em boa parte. Os

---

<sup>3</sup> Um movimento literário originado em meados dos anos 1950 por um grupo de jovens intelectuais dos EUA com o objetivo de se expressarem livremente e contarem sua visão do mundo e suas histórias.

<sup>4</sup> Caminho comercial antigo, formalmente estabelecida durante a dinastia Han na China, que ligou as regiões do mundo antigo por meio do comércio entre 130 a. C. e 1453 d. C.

<sup>5</sup> Uma iniciativa de estabelecer uma rota de peregrinação pelo Oriente Médio trilhando a caminhada de Abraão desde sua cidade natal até o local de seu sepulcro.

caminhos das viagens do apóstolo Paulo<sup>6</sup>, que por séculos são uma rota de peregrinos da cristandade, devem ser lembrados como integrantes da rede de vias romanas por onde as legiões dos cézares passavam e em que os seguidores de Jesus fizeram uso.

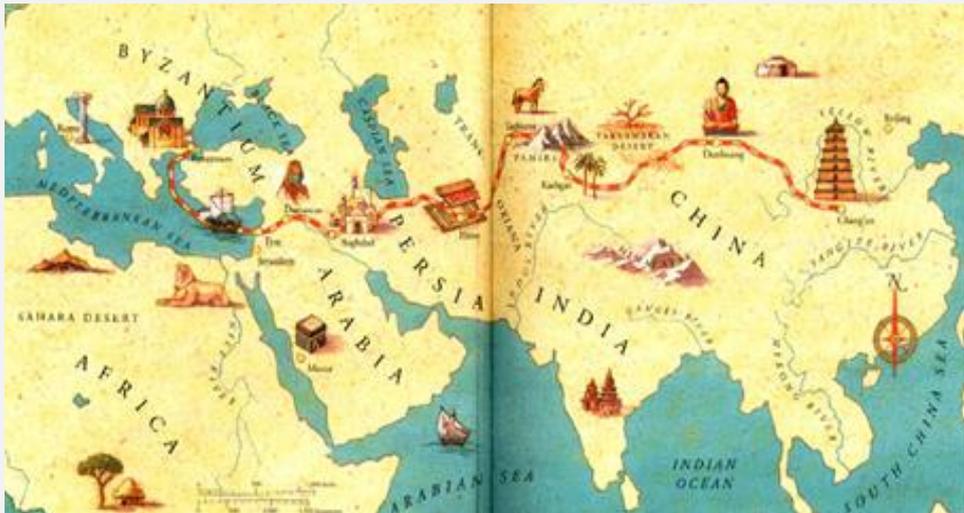


Figura 3: A Rota da Seda. Fonte: Planetário, 2022.

E ainda sob essa ótica é válido lembrar que o objeto desse estudo, o Caminho de Cora Coralina, cujo traçado original é a Estrada Geral dos Sertões, podia servir de escoamento de ouro, transporte de víveres e também deslocamento de tropas, haja vista ser uma obra originária da ação de bandeirantes<sup>7</sup> e sua metodologia militar; inclusive a porção ocidental dessa estrada, entre a Cidade de Goiás e a fronteira com a Bolívia, é de interesse estratégico de defesa do território nacional, sendo o caminho mais curto entre uma área internacional e a capital federal - Brasília. Enfim, os caminhos não se perdem em sua essência (ROCHA JUNIOR *et al.*, 2006).

O imaginário popular algumas vezes procura visualizar supostas causas do surgimento de estradas em territórios outrora ermos, surgindo daí até mesmo lendas de que os ancestrais primitivos tenham se servido de trilhas abertas por animais, como porcos selvagens e até formigas, em busca de comida e água. Tal concepção poderia até lançar certa luz sobre o caráter mítico que as veredas antigas despertam levando-se em

<sup>6</sup> As viagens missionárias de Paulo revelaram a sua missão especial como “Apóstolo dos Gentios” a serviço do Cristo.

<sup>7</sup> Bandeirantes é a denominação dada aos sertanistas do período colonial, que, a partir do início do século XVI, penetraram no interior da América do Sul em busca de riquezas minerais, sobretudo o ouro e a prata.

conta cultos animistas pré-históricos que indiretamente venham a se reinventar em outras manifestações de busca pelo sagrado ao longo dos séculos no mesmo rastro das velhas pegadas.

Assim, por onde antes povos coletores e caçadores demarcavam território com suas pinturas rupestres e runas na esperança de boas colheitas e rebanhos, o culto a animais e plantas foi dando lugar, pelo mesmo pedaço de chão, às adorações antropozoomórficas e mais tarde sucumbindo aos domínios da Torá, da Bíblia ou do Al Corão, sucessivamente. As matrizes abraâmicas ressignificaram o sagrado dos caminhos pagãos. Pelo mesmo complexo de estradas egípcias e persas que conectavam o nordeste da África com a Ásia, o Islã avançou por sobre o universo árabe dando fim ao politeísmo através de sua proposta iconoclasta. E assim a cultura muçulmana foi se mesclando com as técnicas próprias de povos que se orientavam pelas estrelas de seus velhos deuses e oásis para percorrerem os caminhos “invisíveis” sob as areias desses áridos territórios (HOURANI, 1995)

No solo brasileiro, com conexões internacionais na Bolívia, Peru e Paraguai, se tem o exemplo mítico do não muito divulgado Caminho de Peabiru (figura 4), com cerca de 3000 km de comprimento (DONATO, 1997). Passando por ecossistemas tão diversos como o altiplano andino com seus ares gelados e rarefeitos, cortando os charcos pantaneiros, o Cerrado mato-grossense e adentrando os domínios da Mata Atlântica paulista, passando pelas matas caducifólias e de Araucárias do sul e desembocando no litoral catarinense, essa exótica trilha se propõe ser uma prova arqueológica de uma suposta presença do povo inca em terras tupiniquins. Com alguns trechos ainda ostentando calçamentos de pedra pré-colombianos sua história é atestada por todas as nações indígenas de sua faixa de domínio como um caminho sagrado para as divindades dos povos ancestrais (DONATO, 1997). Hoje tal percurso é experimentado por vários grupos que professam crenças distintas.



Figura 4: O Caminho do Peabiru. Fonte: Portal Amazônia, 2022.

A experiência do Caminho de Peabiru como rota mística entre países latinos só vem reforçar a tendência exotérica que permeia o imaginário dos povos de origem ibérica quando se permite um paralelo com o consolidado Caminho de Santiago de Compostela<sup>8</sup> (figura 5), conectando desde tempos medievais do século IX o interior da França e da Espanha, com ramificações em Portugal, ao longo de seus 800 km (MORENO, 1986). Embora seja um destino de viajantes católicos que remonta às Cruzadas, esse caminho parece ter raízes pagãs entre os celtas da região. Cristão ou místico, o Caminho de Santiago despertou tanta curiosidade através dos diversos perfis de relatos de andarilhos por gerações que acabou ocasionando, no interior de São Paulo, no surgimento do Caminho do Sol<sup>9</sup> que se trata de um roteiro para ciclistas e pedestres de 241 km com a insinuante proposta de servir como “treinamento” para uma eventual incursão pelo clássico caminho europeu.

<sup>8</sup> Percurso de peregrinos que afluem a Santiago de Compostela desde o século IX para venerar as relíquias do apóstolo Santiago Maior, cujo suposto sepulcro se encontra na catedral de Santiago de Compostela.

<sup>9</sup> O Caminho do Sol tem o mesmo objetivo e características do Caminho de Santiago europeu. Os entusiastas denominam como o Caminho de Santiago brasileiro. Este caminho começa em Santana de Parnaíba / SP e termina em Águas de São Pedro / SP, perfazendo 241 km de caminhada.



Figura 5: Caminho de Santiago de Compostela. Fonte: Seu Mochilão, 2019.

A Rota dos Tropeiros<sup>10</sup>, com seus 4 mil km que conectam Sorocaba / SP a Viamão / RS é digna de reconhecimento como o principal roteiro colonial do sul do Brasil atraindo ciclistas e cavaleiros de diversas cidades (KAISER, 2006). Assim como a muita bem estruturada Estrada Real<sup>11</sup> (figura 6), com sua logo de peso, e seus 1.630 km e diversas ramificações pelo interior mineiro e desembocando em Parati (RJ), seja classificada como a maior rota turística brasileira territorialmente falando quando se trata do número de municípios envolvidos (SANTOS, 2001).

<sup>10</sup> A Rota dos Tropeiros, um caminho lendário de 4 mil quilômetros usado pelas tropas que levavam mulas de Viamão (RS) até as feiras de Sorocaba (SP), nos séculos XVIII e XIX.

<sup>11</sup> Caminhos oficiais da Coroa Portuguesa chamados de Estrada Real para fiscalizar a circulação das riquezas e obrigava o pessoal a pagar impostos sobre as mercadorias transportadas, incluindo o ouro e o diamante levados aos portos do Rio de Janeiro. Cabe destacar que a Estrada Real é composta pelos Caminho Velho, Caminho Novo, Caminho dos Diamantes e Caminho Sabarabuçu.

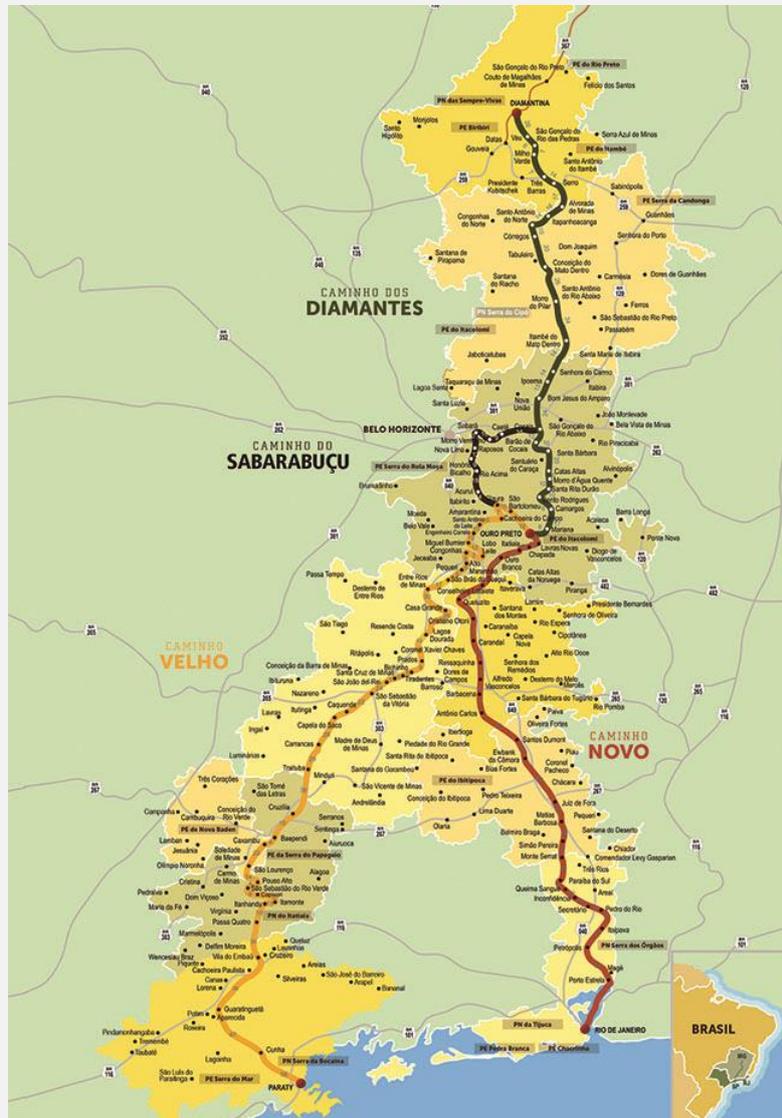


Figura 6: A Estrada Real. Fonte: Instituto Estrada Real, *in*: Matraqueando, 2020.

É retomando o objeto em foco deste artigo há de se considerar que, embora o recente projeto de uma concepção de jornada literária seja a principal intenção do Caminho de Cora Coralina, ainda assim já é possível perceber uma tímida, embora crescente, apropriação dessa pitoresca rota por grupos que estampam uma proposta cada vez mais devocional, com direito a logotipos que mesclam ícones de desenhos de pegadas de calçados para trilhas com o inconfundível símbolo da cruz, e que podem ser avistados estampados em alguns pontos discretos do roteiro, seja em postes, seja em árvores, nas áreas urbanas ou rurais a serem frequentadas (figura 8). Sugestivo, quando

se trata de um universo caipira que já foi até comparado com Canaã, a Terra Santa, a Terra Prometida, não só pelas igrejas católicas ou protestantes quanto também por governos passados. Melhor dizendo os caminhos são abertos, desbravados, significados, ressignificados, e até mesmo restaurados em sua mais primordial ideia. A fé do sertanejo nestes casos se sobrepõe às propostas laicas e acadêmicas, por mais que destas últimas possam partir iniciativas inovadoras.



Figura 8: Logotipo alternativo do Caminho de Cora Coralina, na Cidade de Goiás / GO. Fonte: Acervo de José Maria dos Santos Souza, 2022.

Em termos de praticidade *in loco*, o utilitarista documentário “Um Mochileiro no Caminho de Cora Coralina” (OLIVEIRA, 2021), realiza um belo balanço de imagens panorâmicas das paisagens percorridas por todo trajeto, de Corumbá de Goiás a Cidade de Goiás. No presente trabalho é possível um levantamento pormenorizado dos pontos de parada, com precisão de distâncias entre essas estações e uma média diária de horas de caminhadas, que podem variar de 15 a 20 km, conforme condições físicas individuais. A vivência resulta em um total de 18 dias de caminhada, dos quais 3 dias foram estacionários por questões meteorológicas ou de disposição física do documentarista, com dicas sobre equipamentos e época propícia para a empreitada, onde se constata que o clima seria mais ameno no primeiro semestre, logo após o período chuvoso, entre abril e julho. Outros pontos seriam aproveitar ao máximo o período da manhã, saindo de madrugada, saber se alimentar com o cardápio próprio e

básico de cada lugar, bagagem reduzida; em suma, a prática do caminheiro. Um apontamento funcional dentro da rede logística dos estabelecimentos envolvidos no caminho seria o Passaporte do Peregrino, similar a certos dispositivos aplicados pelo Caminho de Santiago, em que se permite um melhor controle dos usuários com o devido acesso às vantagens em hospedagens credenciadas.

Ao longo da jornada os pousos vão se tornando, espontaneamente, espécies de visitas quase que informais, haja vista que em algumas paradas são as próprias moradias dos habitantes locais da zona rural que servem como pousadas. Inevitavelmente afloram “causos” que são um verdadeiro brinde às noites dos cansados peregrinos. Histórias que entretêm ao mesmo tempo em que instruem: cuidado com cobras, saber receber de bom grado a companhia provisória de alguns cães de fazenda e se atentar para o tempo para saber a hora certa de parar ou avançar.

E assim se vislumbra que numa época não muito distante, sem motores, os pontos de parada obedeciam justamente os limites do corpo humano, de 15 a 25 km por dia, que a manhã era para andar, à tarde para acampar e comer e a noite para dormir. As corruptelas se formaram assim, nesses intervalos, e antes delas as fazendas, que vieram depois dos acampamentos dos tropeiros e desbravadores. E estes últimos, bem sabiam que tinham que seguir o ritmo dos guias indígenas. Quanto a esses nativos, outros tão antigos os mostraram que, em algum momento, não vale a pena desafiar a criação, pois no domínio dela se tem que seguir o seu ritmo e suas leis. Sem pressa. Sem arrogância.

Guimarães Rosa (1994, p. 86) que o diga em suas conclusões nessas veredas dos cerrados: “O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

### **Considerações finais**

Saindo da esfera das teorizações fenomenológicas e ideológicas seria importante valorizar os relatos de experiência dos viajantes reais de tempos idos e contemporâneos a fim de se poder extrair alguma contribuição palpável para aqueles que em um porvir venham não só a se aventurar por essa via goiana, que escala os Pirineus para em

seguida se precipitar centenas de metros para o Vale do Rio Vermelho, como também ousa sugerir pretensas otimizações do processo que venham a agraciar o leque etário e de gênero dos futuros transeuntes.

Em obras despreziosas como o documentário já mencionado, ou mesmo os registros diversos e informais das comunidades tradicionais residentes ao longo do percurso, se podem extrair boas noções de como um patrimônio a céu aberto tão visto como uma estrada secular pode ser usado a favor daqueles que o não desafiam, mas que o vão sentindo a medida que se conhecem, sem pressa. Daí se tem a devida humildade de que as técnicas esquecidas desses lugares são a verdadeira fórmula de como sobreviver e de fato saborear este gigante Cerrado. E é só se atentar que, como singelo exemplo, a capa de chuva é item obrigatório na mochila, enquanto que há cem anos os mensageiros passavam por ali em tempos chuvosos com capas improvisadas de palha de coqueiro, tão eficazes ou melhores que o plástico.

E, se não forem intervenções por demais invasivas, talvez a iniciativa público-privada local possa se atrever em tentativas de melhorias estruturais e de atratividade, tais como: arborização das margens do caminho com espécies sombreadas do Cerrado intercaladas a cada 3 ou 5 metros, para conforto térmico; uma ou outra área de *camping* devidamente credenciada; uma melhor exploração da arte local, como pontos de artesanato e comidas típicas, valendo lembrar que um nicho pouco abordado dos predicados da própria Cora Coralina é a atividade de doceira, onde a culinária poderia se desenvolver muito bem como um subproduto do trajeto.

Logo, o Caminho de Cora Coralina é como a própria obra desta vilaboense, ou seja, em constante processo de atualização com um mundo que não para de girar. A própria Cora Coralina nos acena com a mesma e devida constatação para aqueles que se aventuram na busca constante dessas jornadas: “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim, terás o que colher”.

## Referências

BERTRAN, Paulo. **Relatos de viagem: notícia geral da Capitania de Goiás – Luiz da Cunha Menezes, governador da Capitania de Goyaz (1778-1783)**. São Paulo: Instituto Casa Brasil de Cultura, 2010.

BLOG DE ESCALADA. **Caminho de Cora Coralina**: conheça a travessia de 282 km em pleno Cerrado do Estado de Goiás. Disponível em: <<https://blogdescalada.com/caminho-de-cora-coralina/>>. Acesso em: 07 nov. 2018.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina – raízes de Aninha**. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

CAMINHO DA FÉ. **Ramais**. Disponível em: <<https://caminhodafe.com.br/ptbr/ramais/>>. Acesso em: 07 out. 22.

CAMINHO DE CORA CORALINA. **O Caminho de Cora Coralina** - venha viver essa aventura no coração do Brasil. Disponível em: <<https://caminhodecoracoralina.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 22.

CHE GUEVARA, Ernesto. **De moto pela América do Sul**: diários de viagem. Rio de Janeiro. Sá, 2015.

CORALINA, Cora. **A moeda de ouro que um pato engoliu**. São Paulo: Global, 1997.

DALTRO, M. R.; FARIA, A. A. Relato de experiência: uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.

DONATO, Hernâni. **Sumé e Peabiru**. São Paulo: GRD, 1997.

DRÈGE, Jean-Pierre. **Marco Polo e a Rota da Seda**. Porto: Civilização, 1992.

HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KAISER, Jacksam. **Aventura no Caminho dos Tropeiros**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2006.

KEROUAC, Jack. **On the road**. Porto Alegre: L&PM, 2004.

MALA DE AVENTURAS. **Conheça o Caminho de Cora Coralina**. 2022. Disponível em: <<https://www.maladeaventuras.com/caminho-de-cora-coralina/>>. Acesso em: 07 set. 2022.

MATRAQUEANDO. **Estrada Real:** guia completo para percorrer o caminho mais famoso do Brasil Colônia. Disponível em: <<https://www.matraqueando.com.br/estrada-real-como-percorrer-o-caminho-mais-famoso-do-brasil-colonia>>. Acesso em: 07 out. 2020.

MENDONÇA, Diego Pinto de. **Caminho de Cora Coralina em Goiás: significados, usos e relações sociais.** 2021. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Goiás, Cidade de Goiás, 2021.

MORENO, Humberto Baquero. **Vias portuguesas de peregrinação a Santiago de Compostela na Idade Média.** Porto: RFL, 1986.

OLIVEIRA, Richard. **Um mochileiro no Caminho de Cora Coralina.** Goiânia: YouTube, 21 mar. 2021. Disponível em: <[https://youtu.be/6EFy\\_a46Y80](https://youtu.be/6EFy_a46Y80)>. Acesso em: 12 nov. 2022.

PLANETÁRIO. **A Rota da Seda e a astronomia.** Disponível em: <<https://planeta.rio/rota-da-seda-e-a-astronomia/>>. Acesso em: 07 dez. 2022.

PORTAL AMAZÔNIA. **Trilha do Peabiru:** conheça caminho que levava nativos do Atlântico para o Pacífico. Disponível em: <<https://portalamazonia.com/estados/amazonia-internacional/trilha-do-peabiru-conheca-caminho-que-levava-nativos-do-atlantico-para-o-pacifico>>. Acesso em: 07 dez. 2022.

ROCHA JUNIOR, Deusdedit; VIEIRA JUNIOR, Wilson; CARDOSO, Rafael Carvalho. **Viagem pela Estrada Real dos Goyazes.** Brasília: Paralelo 15, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão:** veredas. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SALLES, Walter. **Diários de motocicleta.** Califórnia: Buena Vista Home Entertainment, 2004.

SANTOS, Márcio. **Estradas reais: introdução ao estudo dos caminhos do ouro e dos diamantes no Brasil.** Belo Horizonte: Estrada Real, 2001.

SEU MOCHILÃO. **Caminho de Santiago de Compostela:** distâncias e rotas. Disponível em: <<https://www.seumochilao.com.br/caminho-de-santiago-de-compostela-distancias-e-rotas/>> Acesso em: 07 out. 2019.